

C Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 2, 2026

... ARTIGO 9

Data de Aceite: 20/02/2026

O PETRÓLEO COMO MINERAL DA COBIÇA DA GEOPOLÍTICA NORTE-AMERICANA DE DOMÍNIO NA AMÉRICA LATINA: A PRISÃO DE NICOLÁS MADURO MOROS PARA EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO VENEZUELANO

Jardel de Nazaré dos Santos

Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC), 2025; Especialista em Antropologia pelo Instituto Educacional FaSouza, 2025; Especialista em Sociologia pela Universidade de Brasília (UNB), 2019; Bacharel em Ciências Aeronáuticas pela Universidade da Amazônia (UNAMA), 2025; Bacharel e licenciado em Sociologia pelo Centro Universitário Internacional de Curitiba (UNINTER), 2023; Bacharel em Serviço Social pela Universidade Anhanguera (UNIAN), 2015; Bacharel e licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR), 2011. Está como docente efetivo de Sociologia no IFAC, desde 2025, atuando nas principais áreas: teoria de voo; navegação aérea; sociologia geral; sociologia da educação; antropologia; ciência, tecnologia e informação; sociologia da saúde; sociologia da violência.



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como o petróleo se constitui a principal fonte de energia mundial partir da segunda fase da Revolução Industrial na segunda metade do século XIX, se tornando o principal recurso mineral de disputas hegemônicas entre países que controlam o mercado mundial de bens e serviços. Também se apresenta a posição dos Estados Unidos da América (EUA) como a maior potência capitalista da atualidade favorecida por circunstâncias históricas. A presença dos EUA na defesa de seus interesses hegemônicos na América Latina especialmente e o discurso de defesa da democracia venezuelana. E por último, apresenta-se os reais interesses americanos sobre a derrubada do governo chavista na Venezuela.

Palavras-Chaves: petróleo; Revolução Industrial; Venezuela e EUA.

Introdução

Atualmente, o petróleo é a matéria-prima de cobiça estratégica da estabilidade econômica dos principais mercados mundiais. Através do processo do refino do petróleo é possível extrair vários subprodutos, como a gasolina, querosene de aviação, óleo diesel, gás liquefeito de petróleo, produtos para infraestrutura, como asfalto e coque para eletrodo e impermeabilizantes, também óleos lubrificantes, graxas, nafta para produção de plásticos, resinas borrachas sintéticas, fertilizantes e tintas, solventes para mistura de produtos de limpeza, e parafinas para produção de velas, hidratantes e graxas. O petróleo passou a ter valor comercial só em meados de 1850 com a invenção dos motores de combustão interna por Nikolaus Otto, e posteriormente com

a popularização dos automóveis por Henry Ford no início dos anos de 1900.

Posteriormente, após a Segunda Guerra Mundial, os EUA passaram a ser destaque como a maior potência econômica e militar mundial, graças ao seu desenvolvimento tecnológico e a internacionalização da sua economia. Os EUA passaram a ser o principal financiador econômico e de defesa dos países subdesenvolvidos, especialmente os da América Latina condicionados a acordos diplomáticos e ao alinhamento ideológico.

Todavia, os EUA são considerados uma nação capitalista com comando político nos pilares democráticos. Porém, nos últimos anos a democracia americana está sendo ameaçada com risco de ruptura mundial, com o governo Donald Trump de perfil imprevisível nas suas posições de relações diplomáticas, viés nacionalista com interesses expansionistas, atropelando as regras do direito internacional que o próprio EUA construiu há décadas como organismo Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e muitos outros organismos e acordos.

A nova fase gerencial americana assusta o rompimento até mesmo das nações aliadas históricas que formaram a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e compartilharam juntos a tecnologia de defesa militar do bloco. As coerções de Donald Trump se intensificaram pela guerra híbrida, mecanismo de aplicação de taxas de exportação, sanções a tecnologias e produtos americanos, rompimento diplomático e bloqueios de contas dos países que não se submeterem aos interesses americanos.

A Venezuela foi o primeiro exemplo de vanglória sucedida na América Latina arquitetada por Donald Trump, planejada desde o primeiro mandato na presidência dos EUA, e movida pelos interesses claros de retorno ao domínio da extração de petróleo das reservas venezuelanas. O recado foi claro para as outras potências médias na América Latina que ousam em não aceitar os acordos vantajosos ou recusar o alinhamento ideológico americano.

O petróleo como fonte de energia a partir da segunda fase da revolução industrial

Etimologicamente, a palavra petróleo provém do latim *pretroleum*, que significa pedra *petrus* e óleo *oleum*. A importância do petróleo para a sociedade contemporânea é, de fato, notável. Atualmente, do petróleo, como matéria-prima, é possível extrair dezenas de produtos a partir do refino, como combustíveis: gasolina, querosene de aviação, óleo diesel, gás liquefeito de petróleo; produtos para infraestrutura, como asfalto e coque para eletrodo e impermeabilizantes; também óleos lubrificantes, graxas, nafta para produção de plásticos, resinas borraças sintéticas, fertilizantes e tintas, solventes para mistura de produtos de limpeza; e parafinas para produção de velas, hidratantes e graxas.

Delimitarei a discussão deste estudo sobre o petróleo pelo seu conceito específico, não se estendendo à abordagem de seus derivados, levando em consideração nosso foco na exploração do petróleo para uso de combustíveis propriamente dito.

O petróleo é uma substância de cor escura, pastosa, natural, inflamável, de cheiro forte e viscosa, menos densa que a água,

com mistura de compostos de carbono e hidrogênio. É originado a partir da decomposição de matéria orgânica, especialmente dos plânctons. Segundo a ANP (2026), as bactérias em ambientes com baixo teor de oxigênio realizam a atividade de decomposição, que acaba por se acumular em camadas do subsolo. Encontra-se no subsolo, não como uma espécie de rio subterrâneo ou camada líquida entre as rochas sólidas, mas sim impregnado nas rochas sedimentares, em profundidades que variam de poucos metros da superfície, chegando até mesmo a alguns quilômetros abaixo da superfície, tanto em terra firme quanto em terras submersas. O petróleo é, por definição, um combustível fóssil, líquido oleoso, rico em hidrocarbonetos, principalmente alcanos.

Segundo Martins *et al.* (2015), o petróleo é conhecido desde o período da antiga Babilônia, por volta do século III a.C., sendo utilizado na produção de tijolos. Por sua vez, índios pré-colombianos utilizavam o petróleo como impermeabilizador de potes cerâmicos e para pavimentação de ruas.

Era usado principalmente por sua infiltração no solo; os egípcios o utilizavam para embalsamar mortos ilustres e os incas o aplicavam em estradas. Além disso, essas técnicas primitivas ajudaram a ilustrar uma compreensão inicial desse mineral; outras fontes, como óleo de baleia e carvão eram prevalentes.

Com o passar do tempo, foi descoberto o querosene como um derivado do petróleo que foi extraído a partir da destilação do petróleo, se tornando o primeiro combustível a ser empregado em larga escala nos lampiões de iluminação das residências e cidades europeias.

Antes da segunda fase da Revolução Industrial, o petróleo não tinha valor comercial, pois a automação das máquinas inglesas e americanas acontecia pelos motores a vapor, movidos a partir da queima do carvão mineral ou vegetal, numa fornalha que aquecia a caldeira com água, gerava o vapor em alta pressão direcionado através de orifícios aos cilindros, empurrando o pistão num movimento retilíneo fixado à biela conectada ao virabrequim, que movimentava os eixos das máquinas industriais, transformando a energia mecânica em energia de movimento. A primeira fase da Revolução Industrial aconteceu a partir de 1760 com a invenção do tear mecânico e a locomotiva, movidos a motores a vapor que posteriormente foi estendido o uso nos barcos, navios e indústrias.

Por outro lado, existiam inventores e visionários que corriam para descobrir um modelo de motor mais eficiente para a indústria e para os veículos de transporte de pessoas e cargas que fosse mais rápido e eficiente do que os motores a vapor, que eram vistos como desvantagem por serem pesados, lentos, caros e necessitarem de grandes estruturas de ferro para movimentar as indústrias e veículos de transporte terrestres e fluviais.

Ao retornar à discussão sobre o uso do petróleo, a década de 1850 marca a segunda fase da Revolução Industrial voltada à preocupação de descobrir um combustível fino e barato para uso nos lampiões das cidades europeias que substituísse o uso do carvão e óleo de baleia.

Assim, em 1846, o geólogo canadense Abrahan Gesner desenvolveu um processo de destilação de um óleo de iluminação limpo e barato a partir do carvão, betume e xisto betuminoso para extrair o querosene. Na

mesma época, o americano Samuel Martins Kier, empresário do ramo de barcos a vapor, minas de sal, siderúrgicas e tijolos, começou a perceber que seus poços de sal estavam ficando contaminados por uma substância de coloração marrom e viscosa e passou a descartá-lo no canal principal da Pensilvânia, mas, tempo depois, viu uma mancha de óleo pegar fogo, e então observou que poderia lucrar com aquele subproduto que até então era inútil. Sem formação em química, Kier passou a realizar vários destilados do petróleo e conseguiu desenvolver uma substância que chamou inicialmente de “óleo de rocha”.

Em 1848, começou a embalar a substância como medicamento patenteado e chegou a produzir a manteiga de petróleo e a vendeu como pomada, mas não teve sucesso econômico. Posteriormente, conseguiu aprimorar o destilamento e produziu o querosene que já era conhecido e produzido em escala econômica por outros inventores. O desejo de Kier era produzir um produto que substituísse o óleo de baleia como principal combustível de iluminação, que estava ficando escasso e caro em todo o mundo.

Em 1856, o polonês Ignacy Lukaszewicz conseguiu construir a primeira refinaria de petróleo moderna do mundo perto de Jaslo, na Polônia, a partir da extração de óleo bruto retirado da superfície e poços de sal. Essa técnica limitada permitiu realizar a destilação do querosene em alta escala em 1857 para uso em lâmpadas de iluminação pública em Budapeste.

Contudo, foi a partir da perfuração bem-sucedida do primeiro poço de petróleo pelo americano Edwin Drake em Titusville, na Pensilvânia, em 1859, que o petróleo bruto se tornou abundante, permitindo a produção industrial de querosene para ilu-

minação das cidades. O querosene foi o primeiro combustível extraído a partir do refino do petróleo, e da sua destilação saía o subproduto chamado terebintina de petróleo, que não tinha serventia alguma até a invenção do motor a combustão, anos depois.

Até então, a automação industrial era impulsionada pelos motores a vapor e com a descoberta do processo do refino do petróleo em querosene ampliou-se a curiosidade de engenheiros e inventores a desenvolverem um novo tipo de motor que fosse movido a combustível líquido, mais prático de funcionar, mais leve e mais eficiente. Dentre esses inventores, destaca-se o engenheiro belga Jean Joseph Étienne Lenoir que, em 1863, inventou o motor de combustão interna movido a gás de carvão. Lenoir fez adaptações no seu motor a combustão para uso do combustível líquido derivado do petróleo primitivo e instalou-o num triciclo de três rodas.

O motor a combustão de Lenoir foi aperfeiçoado por outros engenheiros, no qual se destaca o alemão Nikolaus August Otto que, em 1876, criou o motor a combustão de quatro tempos com o ciclo de funcionamento: admissão, compressão, explosão e descarga, usando o descarte do querosene para o seu funcionamento.

Assim, o que era descarte do querosene passou a ser a principal fonte de combustível dos motores de quatro tempos; posteriormente, essa nova fonte de combustível passou a ser chamada de gasolina e se popularizou com a invenção do primeiro automóvel comercial do mundo em 1885 pelo alemão Karl Friedrich Benz. O primeiro automóvel inventado por Benz foi chamado de Patente-Motorwagen, com câmbio de redução com marchas, veículo tipo triciclo, e chegou a atingir 16 quilômetros por hora

na primeira versão; nas versões seguintes foi adicionado lona de freio nas rodas e aumento na autonomia e velocidade.

Com o aperfeiçoamento dos motores a quatro tempos e a criação da linha de montagem pelo engenheiro americano Henry Ford no fim do século XIX, a gasolina tornou-se o principal combustível automotível. Em 1896, Henry Ford criou o quadriciclo experimental de quatro pneus de bicicleta acoplados a um motor a combustão de dois cilindros de quatro tempos com comando de direção feito por uma alavanca e câmbio de duas marchas, que percorria 32 quilômetros por hora na sua primeira versão.

A invenção marcou definitivamente o desenvolvimento da indústria automotiva moderna, levando à fundação da Ford Motor Company, e em 1908, com o lançamento da versão Ford T, o novo automóvel ganhou comando de direção em volante, se popularizando rapidamente. Em 1917 foi lançada a versão TT, o primeiro caminhão a combustão interna comercial Ford. Dessa forma, a massificação do automóvel no mundo levou ao aperfeiçoamento no desenvolvimento de carros e outros veículos de transporte pesado com a introdução dos motores a combustão movidos a partir do refino do petróleo, como a gasolina, o querosene e o óleo diesel.

Assim, no início do século XX, os motores a vapor das locomotivas, navios, fábricas de tecelagens foram deixando de existir em decorrência da nova fonte de energia para movimentar os novos motores das indústrias, locomotivas, carros, caminhões, navios, barcos e aviões. Essa transição modificou a segunda fase da industrialização mundial, canalizando os interesses econômicos a partir da exclusividade do uso do petróleo como principal cobiça energética

dos últimos 150 anos, em que a soberania de poderio e riquezas de uma nação deixou de ser atrelada à produção de ouro e a prata para serem atreladas a reservas petrolíferas e domínio da tecnologia de exploração e refino.

O petróleo como principal produto de cobiça econômica mundial a partir do quinquagésimo ano do século XX

O petróleo atualmente tem efeito decisivo no mercado internacional de produtos; os Estados Unidos da América (EUA) têm influência direta no consumo, comercialização e produção de petróleo no mundo, com monopólio de negociação pela moeda dólar. Todo impacto nos preços causados pelas negociações impacta diretamente a economia de outros países.

Em 1960, foi criada a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) em Bagdá, que objetivava defender os interesses dos produtores associados e influência no controle de preços, produção, defesa da competitividade e estabilidade do mercado petrolífero dos países produtores associados.

Na década de 1970, membros árabes da OPEP aplicaram embargos severos contra países que apoiaram a guerra Yom Kippur, causando uma crise severa nos EUA e em outros países devido à restrição da oferta de petróleo no mercado mundial, impactando diretamente na inflação de muitos países e levando à primeira reflexão sobre alternativas de produção de energias.

Os EUA, a partir da segunda metade do século XX tornaram-se a maior potência econômica e militar mundial, favorecidos por vários contextos que não serão detalhados nesta pesquisa. Por outro lado,

valha destacar alguns fatores que justificam a posição de hegemonia americana na liderança econômica e bélica no último século: destaque na internacionalização da industrialização, investimentos em tecnologia computacional, participação vitoriosa na Segunda Guerra Mundial, desenvolvimento da primeira bomba atômica e exploração aeroespacial. Evidentemente, os EUA são um modelo de democracia mundial que lidera o sistema de economia capitalista de acumulação liberal, e que tradicionalmente investe no desenvolvimento de outros países subdesenvolvidos com investimentos e transferência de tecnologias com fortes alianças diplomáticas com seus aliados.

Todavia, nos últimos anos, o modelo de democracia americana passou a ser ameaçado a partir de governos com perfil radical, como Donald Trump, que teve seu primeiro mandato de 2017 a 2021 e o segundo mandato vigente de 2025 a 2029. O novo mandatário americano passou a implantar um modelo de expansão americana de domínio pessoal, coercitivo de autoconfiança na vanglória do poderio militar e bélico, com forte discurso instável nacionalista se valendo da posição do domínio tecnológico e da liderança de mercado mundial, ignorando as alianças consolidadas com nações históricas que o próprio EUA criou, como a Aliança do Atlântico Norte (OTAN) e a Organização das Nações Unidas (ONU).

Passou a adotar um modelo intimidador frente às alianças já consolidadas há décadas com outros países, sendo claro que a construção de alianças parte do princípio vantajoso nacionalista, alinhada aos interesses americanos, defesa do dólar como moeda única de mercado internacional, gestão e controle de reservas de petróleo, exploração de minerais raros, e liderança na exportação

de bens e serviços. Países que se oporem ou recusam ou não se alinham com os interesses americanos quanto ao seu modelo econômico, educacional e democrático, correm o risco de severos embargos econômicos, como bloqueios de compras e vendas de produtos americanos, taxaço de exportação de produtos para os EUA, bloqueios de contas nos EUA, suspensão de visto e outros, e em último caso, a intervenção militar americana em países que venham a se opor aos interesses americanos.

Os Estados Unidos da América na aparência sagaz na defesa da democracia venezuelana

Os EUA nunca tiveram interesse no desenvolvimento econômico da Venezuela, muito menos com o povo venezuelano. O verdadeiro interesse são as riquezas minerais do subsolo daquele país. Para o acesso a tais riquezas, os EUA traçaram estratégias, como o apoio financeiro e institucional a governos locais alinhados aos interesses econômicos americanos, com assinatura de acordos bilaterais de acesso a créditos e investimentos em desenvolvimento econômico e tecnológico, financiados pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

Entre as décadas de 1920 e 1930, grandes reservas de petróleo foram descobertas na Venezuela, e empresas norte-americanas e europeias passaram a investir no país para extrair o produto. Em 1976, a Venezuela nacionalizou a exploração do petróleo e criou a empresa estatal Petróleos de Venezuela S.A. (PDVSA) para gerenciar a exploração, produção, refino e comercialização do petróleo no país, compensando as empresas america-

nas ExxonMobil e Chevron, até então detentoras dos direitos de exploração.

As empresas americanas continuaram explorando petróleo na Venezuela até 2001, quando Hugo Rafael Chávez Frías criou a Lei Orgânica do Hidrocarbonetos, restringindo a participação das empresas americanas na exploração de petróleo e gás venezuelano. O país venezuelano passou a controlar as gigantescas reservas de petróleo e gás do seu território. A exploração e a extração ficaram nas mãos de estatais, mas empresas privadas continuaram realizando o refino e a venda.

Não era a primeira vez que a Venezuela, dona das maiores reservas de petróleo do mundo, fazia isso. Já tinha acontecido em 1943 e em 1975. A grande diferença é que, nos anos 1990, o país tinha seguido à risca a cartilha neoliberal do Fundo Monetário Internacional (FMI) e das petroleiras americanas, e o setor tinha sido praticamente entregue de bandeja para a iniciativa privada.

Quando Frías trouxe o Estado de volta para o jogo, ele retomou o controle da principal fonte de renda do país – afinal, 80% de tudo que a Venezuela ganhava vinha do petróleo. A notícia, claro, caiu como uma bomba para gigantes como a ExxonMobil e a Chevron, que não perderam tempo e começaram a pressionar o governo de George W. Bush para tirar Frías do poder. Segundo a Organização Wikileaks, que posteriormente publicou documentos da Embaixada Americana em Caracas, Salgado (2017), o desejo do governo americano era a derrubada de Chaves por se afastar dos interesses americanos.

Frías, foi deposto e aprisionado no Forte Tiuna em 12 de abril de 2002; em seu lugar assumiu Pedro Carmona, da alta bur-

guesia venezuelana do partido de direita, e no seu primeiro dia de governo, Carmona fechou a Assembleia Nacional, cancelou a Constituição vigente, eliminou as liberdades democráticas, sendo reconhecido como governo legal apenas pelos EUA e a Espanha, e 48 horas depois, Frías retornou ao poder porque tinha um apoio popular absurdo.

Segundo Salgado (2017), naquele ínterim, a oposição, liderada pela María Corina Machado, fundou a organização Súmate, com o objetivo de organizar um referendo para arrancá-lo do poder, que não prosperou.

Desde 2001, o objetivo americano era acabar com a soberania da Venezuela de gestão das suas próprias reservas petrolíferas. A imposição americana nunca foi sobre a forma de governo venezuelano, mas o imperativo de ódio pela nacionalização das petrolíferas americanas há mais de 25 anos levando o afastamento das relações de comércio venezuelano com os EUA. A imposição de severas sanções tecnológicas e comerciais submergiu a Venezuela num sucateamento sem precedentes pelas sanções e proibição de se relacionar com países aliados do EUA.

Para melhor compreensão, volta-se a históricos anos de 1990. A democracia venezuelana parecia um oásis em meio ao deserto da América Latina, mas não resistiu às crises capitalistas dos anos 1980 e 1990. De acordo com Salgado (2017, p. 03):

O sistema político, que utilizava as vendas do petróleo para sustentar a sociedade venezuelana, sucumbiu com o aumento da dívida pública, má gestão, corrupção e o esgotamento dos recursos

financeiros pela classe política dirigente, fato que levou o país a adotar uma política de austeridade fiscal imposta pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), e assim que se sentavam na cadeira, faziam exatamente o contrário.

Não importava se eram social-democratas ou conservadores, a política era só hipocrisia, enquanto a desigualdade social explodia no país.

Foi a partir da vitória de Hugo Rafael Cháves Frías em dezembro de 1998 como novo presidente da Venezuela que uma nova agenda política de responsabilidade fiscal e relações comerciais começaram a ser implementadas. Frías, foi eleito pelo clamor popular por mudanças nas políticas públicas da Venezuela; com alto índice de popularidade, Frías se viu no dever de implementar instrumentos que revertissem a crise interna vivida pelos venezuelanos, como o combate à corrupção das elites, o combate à pobreza, nova constituição e nacionalização das empresas petrolíferas.

O país deixou de ser um balcão de negócios da elite para virar uma ferramenta de justiça social. Mas o projeto era mais ambicioso do que assistencialismo. O objetivo era criar um poder que viesse de baixo para cima, através das comunas. Nascidas dos conselhos comunitários, essas comunas viraram lugares onde o próprio povo decidia como usar o dinheiro público, planejava o futuro do seu bairro e criava cooperativas.

Porém, entre 2013 e 2014, a tempestade perfeita se formou. Primeiro, a morte de Frías exigiu nova organização interna para a sucessão política. Depois, o preço do petróleo, que batia 108 dólares o barril em

2014, despencou para menos de 30 dólares em 2016. Para um país sem capacidade industrial e que dependia do petróleo, foi um desastre. Nicolás Maduro Moros, seu sucessor, pegou o barco no meio da tormenta.

O modelo de distribuição de renda, superdependente do petróleo, começou a patinar numa crise frenética. Ao mesmo tempo, o governo nunca conseguiu quebrar de vez o poder da velha elite econômica, que continuou sabotando a economia por dentro do próprio governo, impedindo uma transição de uma economia de mercado para economia planificada. Foi nesse cenário de vulnerabilidade que os Estados Unidos e seus aliados foram para cima num momento que favorecia sufocá-lo e derrubar o poder, em momentos que a população civil começava a protestar devido à crise interna que corroía a economia.

Entra no campo de batalha a guerra híbrida americana, sem tanques e soldados. Mas, com uso de novos mecanismos de combate focado no estrangulamento a partir do cálculo matemático, dosando uma mistura de sanções econômicas, asfixia financeira, bombardeio de fake news, manipulação da justiça e isolamento diplomático. O objetivo não era conquistar território, mas forçar a derrubada do governante do país do ponto de vista político, servindo de lição para qualquer outra nação que venha a contrariar os interesses americanos.

Os ataques à moeda e as sanções americanas impedem a compra de máquinas, peças, tecnologia para as petroleiras, impedem a compra de remédios e comida, geram a escassez programada de produtos, inflação, pressão de ONGs e crises políticas fabricadas. Tudo é pensado para enfraquecer o Estado, esgotar o apoio popular e quebrar a união do povo. O sofrimento que isso

causa passa a ser mostrado pela mídia internacional como prova do fracasso do governo, escondendo a mão gringa que aperta o garrote, levando à desaprovação externa do governo local.

A narrativa de justificativa de Donald Trump: do convencimento à finalidade da prisão do presidente Nicolás Maduro Moros

No início do seu primeiro mandato em 2017, Donald Trump assinou as primeiras ordens restringindo a Venezuela dos mercados financeiros dos EUA, proibindo a compra da dívida pública venezuelana e da estatal petrolífera PDVSA, com o objetivo de puni-lo pela repressão a protestos civis e a criação da Assembleia Nacional Constituinte, vista pelos EUA como golpe ao legislativo. Frente a esse impedimento, Nicolás Maduro Moros procurou alternativas de relações comerciais com a Rússia, China e Mercosul. Porém, em 2016, o Brasil vetou a Venezuela do Mercosul por violação democrática e dos direitos humanos.

E os EUA impuseram sanções que cortaram o país do sistema financeiro mundial e bloquearam investimentos estrangeiros e financiamentos. As crises internas, que a imprensa ocidental falou pouco, mas gritou sobre a inflação e a migração venezuelana como se fossem problemas que brotaram do nada.

A lista de ataques se destaca: sabotagem da rede elétrica, ataques de mercenários, a criação de um conflito de fronteira com a Guiana para favorecer a ExxonMobil, a entrega de prêmios a opositores internos que pedem intervenção militar americana, tentativas de assassinato contra o presidente, ataques a barcos de pesca, apreensão de

navios petroleiros e até a formação de uma frota de guerra na costa do país.

Donald Trump, desde seu primeiro mandato, criou a acusação de Nicolás Maduro Moros como líder de uma organização narcoterrorista “Cartel Los Soles”, a partir de uma matéria jornalística da década de 1990 que destacava a condenação de generais hondurenhos por corrupção e tráfico de drogas. Seus uniformes possuíam distintivos de botões dourados em forma de sol em suas dragonas. Foi a partir de 2020 que o próprio Donald Trump usou a analogia para criar a acusação a Nicolás Maduro Moros como chefe do Cartel Los Soles. Após seu retorno ao comando dos EUA em 2025, levou seu projeto de aprisionar Maduro adiante, lançando o prêmio de 50 milhões de dólares de recompensa para quem contribuísse com informações que levassem à prisão de Maduro pelos americanos.

No entanto, ao longo de 2025, passou a prender os navios petroleiros venezuelanos que ousavam cruzar no Mar do Caribe em águas internacionais, deslocou tropas, aeronaves de combate e porta-aviões para os arredores de Caracas, coagindo e pressionando Maduro a renunciar à presidência da Venezuela, o que não ocorreu. E na madrugada do dia 03 de janeiro de 2026, o exército americano atacou Caracas, deixando mais de 100 mortos e na ocasião capturou o presidente Maduro e sua esposa Cilia Flores enquanto dormiam no Forte Tiuna e os levou à força para serem julgados nos EUA.

O objetivo americano era a derrubada do governo Maduro sob o falso pretexto de chefiar o narcotráfico na América do Sul. É sabido que os EUA nunca tiveram interesses em combater o tráfico de drogas, pois seus interesses são o domínio econômico mundial.

As decisões de Donald Trump são imprevisíveis, suas intenções mudam constantemente, o que dificulta acreditá-lo. Suas constantes ameaças são alertas para outros países que porventura venham a contrariá-lo. Após lograr êxito com a prisão de Maduro, Trump admitiu que Maduro não chefiava o Cartel de Los Soles, mas que protegia e perpetuava uma cultura de corrupção e de enriquecimento a partir do tráfico de drogas e por isso era uma ameaça à segurança nacional americana (Migalhas, 2026).

O crime imputado a Maduro pelos EUA não é previsto no Direito Internacional, sendo escancaradamente uma violação da integridade territorial de outro país, deixando claro nos discursos do presidente americano que o objetivo é o retorno ao controle das reservas petrolíferas na Venezuela, desde a extração, refino e comercialização, sob a farsa de retorno em investimentos econômicos ao país. Isso é um recado claro para outras potências médias na América Latina: caso não venham a aceitar os interesses americanos, também estarão propensas à guerra híbrida com interferência direta na instabilidade governamental, sanções econômicas, taxaço de tarifas de exportação ou a derrubada dos governos pela força militar americana.

Considerações finais

O texto busca demonstrar como o petróleo deu origem às principais fontes de energia usadas nos motores dos variados sistemas produtivos atualmente. Desse modo, o petróleo se apresenta como principal produto de cobiça mundial representando valor de estabilidade cambial.

O petróleo sustenta os pilares do capitalismo mundial nutrindo as engrenagens

da automação industrial e as terras que guardam as maiores reservas petrolíferas despertam os interesses das potências econômicas mundiais em buscas de domínio e controle sobre o produto.

Viu-se que os EUA se consolidaram como o maior potencial econômico e militar após a Segunda Guerra Mundial, sendo protagonista na construção de alianças comerciais e militares com outros países de forma sólida e sem ameaçar a estabilidade mundial por décadas. Porém, nos últimos anos, o cenário de parceria passou a ser de ameaças e intimidação com a chegada do presidente Donald Trump em 2017 ao comando da maior economia mundial.

O novo mandatário passou a ser imprevisível até com seus velhos aliados. O novo projeto expansionista americano na América Latina acende o alerta das médias potências regionais que venham a recusar o alinhamento americano. A prisão do presidente venezuelano Nicolás Maduro Moros em 03 de janeiro de 2026 é fruto de rompimento do alinhamento às políticas americanas que se agravaram nos últimos 23 anos, desde o fim da exclusividade de exploração de petróleo pelas multinacionais americanas.

Referências

ANP. AGÊNCIA NACIONAL DE PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS. Disponível em: <https://www.gov.br/anp/pt-br>. Acesso em: 10 jan. 2026.

DENÚNCIA DOS EUA QUE LEVA MADURO A JULGAMENTO POR NARCO-TERRORISMO. Migalhas, 03 de jan. de 2026. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/447230/confira-a-denuncia-dos-eua-que-leva-maduro-a-julgamento>. Acesso em: 10 jan. 2026.

MARTINS, Silas Sariz da Silva; AZEVEDO, Matheus Oliveira de; SILVA, Mikaias Pereira da; SILVA, Valdenildo Pedro da. Produção de petróleo e impactos ambientais; algumas considerações. *Revista Holos*, Natal, ano 31, v.6, non. 2015. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2201/1212>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SALGADO, Tiago Santos. A influência estadunidense na Venezuela chavista. *Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, p. 57-82, dez. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Jardel/Downloads/lucio_geller,+3+a+ingerencia%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Jardel/Downloads/lucio_geller,+3+a+ingerencia%20(2).pdf). Acesso em: 10 jan. 2026.